

## **SOBRE FIDELIDADE**

Trataremos aqui sobre uma questão irremediavelmente presente no curso da humanidade: a fidelidade. Desde os primórdios, mitologias originárias — nórdicas, orientais, africanas, helênicas ou indígenas — descrevem relações conjugais que frequentemente são desafiadas pela tentação de uma das partes a comparecer e nutrir laços com outra, extraconjugal, fora do laço consagrado. Seja um caso amoroso isolado, como os muitos de Zeus, ou casos duradouros como o de Oxum e Ogum, casado com Iansã, em sociedades matriarcais e patriarcais, esta questão atravessa os tempos, evidenciando um drama inscrito no caminho humano de integração e pertencimento cósmico. O casamento ao qual se deve a fidelidade pode ter simultaneamente significados distintos a depender da natureza da interpretação. Arranjo social, dinâmica entre impulsos e superego, diálogo com uma alteridade interior, processo de integração entre os opostos em nós mesmos, profundamente, ou mesmo União com o Todo, Deus, o Tao.

O mito de Tristão e Isolda remonta às origens da cultura Celta e passou por mais de mil anos de interpretações, traduções e adições, ao longo dos quais as representações sociais mudaram drasticamente, se não pelo tempo, pela grande viagem desta história desde que saiu do *zeitgeist* irlandês do século VIII. Em todas as versões, a narrativa passa essencialmente pela cruel dicotomia entre duas fidelidades conflitantes, a um Rei e a um Amor.

Num polo a União, no outro a Rejeição, pois, se estamos abordando a Fidelidade, assumimos a presença de três elementos dos quais apenas dois podem realizar-se: o fiel/infel, o objeto de sua fidelidade/infidelidade e a circunstância que o desviaria do seu compromisso com este - seu desafio ou tentação. Para que haja União, haverá Rejeição; o fiel/infel deve necessariamente frustrar um dos vínculos, no caso, seus deveres ou sua amada para comparecer em ação e Presença ao outro.

Veremos a seguir quatro interpretações que descrevem diferentes profundidades desta questão. Cada interpretação se dará através da superposição de duas lentes distintas. Uma, de caráter analítico, aproxima a narrativa de diferentes formas de compreensão, a saber: literal, alegórica, moral e anagógica. Outra, fenomenológica, descreve a dinâmica dos fenômenos de diferentes níveis de realidade; reciprocamente: físico/corpóreo, mental/psicológico/emocional, anímico/arquetípico e espiritual/unitivo. A cada nível corresponde a ação de uma alma, tal como descrito na tradição judaica e outras que reconhecem a multidimensionalidade do humano; reciprocamente: alma sensorial, alma emocional, alma intelectual e alma espiritual. Em cada nível a questão da fidelidade é marcada por contradição e paradoxo. Estas duas lentes podem ser aplicadas independentemente, mas estão aqui apresentadas adjuntamente.

**Primeira interpretação:** literal, dinâmica de informações concretas de significado compartilhado e consensual.

**Nível de realidade:** físico/corpóreo, aparente, atividade da alma sensorial.

Na percepção literal, Tristão como amigo do Rei Marc e Isolda como esposa deste se veem impelidos por uma condição irreversível a *cederem a e empreenderem em* uma necessidade veemente de União. Como vassalo e cavaleiro do círculo íntimo do Rei, Tristão deve fidelidade por meio de vários laços sociais que o obrigam não apenas à comunidade, mas à sua Religião e sua Moral. Isolda, da mesma maneira, tem para si, desde sempre, os procederes adequados ao seu papel de rainha e esposa.

Ser fiel, literalmente e neste nível, implica em não ceder a **desejos** que nos desviam de um compromisso social previamente estabelecido, o que significa dizer, por outro lado, que implica em ceder à expectativa social que rege

o comportamento do fiel. Dito de outro modo, ser fiel é empreender no sentido desta expectativa e não empreender no sentido do que a frustra.

Ser infiel, por complementaridade, envolve ceder a estes desejos, o que significa dizer, por outro lado, que envolve não ceder a essa expectativa. Dito de outro modo, ser infiel é não empreender no sentido desta expectativa e empreender no sentido do que a desvia e deturpa.

Desta forma, Tristão deve uma dupla fidelidade: ao compromisso com o Rei e ao compromisso com seu amor, Isolda, a escolha sendo mutuamente excludente. Há claramente, como em todo herói épico desta forma de narrativa mitológica, um desejo de servir e cumprir a Honra, o reino, a humanidade. Há uma fidelidade ao mundo, aos deveres, ao sistema maior em um mesmo nível de realidade macrofísico, material. Por outro lado, o compromisso impelido pela condição mágica de uma poção do amor, obriga os jovens a cumprirem a fidelidade do Amor, que sumariamente impõe o desejo incontável e tomadas de decisão e ação. Mas isto pelo lado de Tristão.

Isolda, embora partilhe da dicotomia entre o cumprimento de um papel social e de um desígnio ardente de seu interior, sofre mais gravemente o estigma de adúltera. Sendo mulher, seu destino como tal é inegociavelmente mortal, tal a gravidade de sua traição. Na história Isolda não demonstra sofrer com a dúvida sobre *se* deve ou não se entregar ao Amor, mas sobre *como*. Entre o mundo e seu amado, sua escolha é inequívoca em favor da União com este último. Ela cede ao amor e nele empreende, em renúncia da coesão social implicada.

O Rei, por sua vez, também apresenta uma preferência óbvia por manter Isolda longe de Tristão e este a seu leal serviço. Na condição de traído, se vê duplamente condenado por ela e ele a viver uma grande rejeição e desonra. Podemos ver que, puramente, a situação coloca a impossibilidade de ser fiel completamente bem como infiel completamente. Pois, independente da escolha por rejeitar um dos vínculos do triângulo, cumprir-se-á o outro.

A alma sensorial deflagra o desejo físico do Amor que pode ser regulado apenas por um fator externo, no caso, de pertinência social. O que faz os amantes cederem, aos olhos da sociedade, é vicioso por significar a renúncia da ordem comunitária, a satisfação de desejos sensuais (ceder) em detrimento da implicação na teia de interdependência das relações que nos pertencem (empreender). Ter satisfação em ceder aos prazeres físicos desprovidos de finalidade comunitária (vide o não-lugar dos bastardos na sociedade tradicional) é condenável, despertecedor.

**Segunda interpretação:** alegórica, dinâmica de informações subjetivas, mas apreensíveis pela consciência de vigília, representação figurada. Verdade velada.

**Nível de realidade:** mental/psicológico/emocional, atividade da alma emocional.

No nível alegórico, podemos considerar que o drama da fidelidade (representada por Tristão, Isolda e Marc) nos coloca na intersecção de dois eixos: uma fidelidade horizontal, ao Rei, à sociedade, ao mundo; e uma vertical, à Isolda, a alteridade íntima, ao erótico no sentido de relação com a alma sensorial e, agora, emocional.

O sentimento de Amor aqui é marcado pela famigerada paixão, uma emoção avassaladora que sequestra o julgamento racional e extrapola o mero desejo sexual. O outro desejado passa a representar um espelhamento de si-próprio. Se a alma sensorial, pela natureza do corpo físico, deve envolver a relação com outros corpos e ambiente, a alma emocional vive através da alteridade o enamoramento de aspectos de si própria dinamizados no outro exterior. Eis a alegoria: uma parte de nós (Tristão) padece de um desejo sobrenatural de união com outra parte de nós (Isolda) que a corresponde, mas enfrenta uma resistência de uma terceira parte de nós (Rei Marc), que impede o encontro transformador e deve ser relativizada, ludibriada ou transgredida para que haja a união das duas primeiras.

Mas que partes de nós são estas, representadas por Tristão, Isolda e Rei Marc? O que, em nós, deseja unir-se através de uma aproximação desafiadora? Se nos aproximarmos da dimensão emocional de nossas vidas, talvez reconheçamos algumas características dos personagens e do enredo:

**Tristão:** comprometido com o que considera “certo”, ativo, portador de talentos afirmativos, dado à conquista e à aventura, mas ao mesmo tempo suscetível, passível de dúvida, desejoso de certezas.

**Isolda:** inspiradora, Bela, passiva, portadora de talentos da inteligência e criatividade, frágil e delicada, afeita a colocações precisas, mas sutis.

**Rei Marc:** também comprometido, controlador, orientado a governar, manter a coesão e harmonia do meio, por vezes corroído pela insegurança, pela raiva, pela decepção ou pelo orgulho, mas capaz de aceitar, amar, e reconhecer o que não pode controlar.

No enredo, a situação inicial é marcada pela deriva de Tristão no mar e pela sua cura através dos cuidados de Isolda. Há a ação de um destino irremediável: a poção mágica que os obriga a um amor irreversível. Ao chegarem na corte, se veem impelidos à clandestinidade e à fuga. Longe dos domínios de julgamento do Rei encontram a experiência de união amorosa. A força da poção acaba, mas há a persistência de um amor voluntário, construído no convívio e na privação. Os amantes se separam, Tristão se une a uma representação de Isolda, a quem não pode se dar integralmente. Volta a buscar a realização com a amada, a encontra, mas deve novamente separar-se dela. Aventura-se e sofre a morte aos cuidados e enganos de sua esposa inautêntica.

Se literalmente a ação reguladora que impede os amantes é o pertencimento social, alegoricamente podemos reconhecer a ação de uma moralidade, um julgamento que pretende nos assegurar uma harmonia estabelecida. O vício neste nível refere-se não mais à escolha de uma dinâmica inferior à regulação social, mas a uma inferior à regulação moral, visto que a alma correspondente a este nível é sensível às noções de certo e errado, tal como sentimos interiormente, não como sabemos socialmente. A moral aqui é considerada imanente, ligada às experiências existenciais e relacionais, diferente do valor transcendente que veremos a seguir.

Nossa alma emocional deve empreender a dura tarefa de unir opostos complementares mesmo que nos leve a experimentar o sofrimento, a “desarmonia do nosso reino”. Ao nível emocional, o mito traz a alegoria da união entre nossas potencialidades masculina e feminina, passando por provações morais, fugas, uniões falsas, enganos. A fidelidade se desdobra em uma percepção mais profunda: para realizar-nos, devemos fidelidade à uma moral pessoal, mas esta, se não compreender algo que a transcende, pode estancar os processos de integração que se enunciam em nosso interior, causando sofrimento e engano.

**Terceira interpretação:** moral virtuosa, dinâmica de sentidos mais profundos que a emoção, ligada às virtudes como potencialidades integrativas da consciência a esferas transpessoais, movimentos universais que causam harmonia ou desarmonia com movimentos cósmicos.

**Nível de realidade:** anímico/arquetípico/mítico-simbólico, atividade da alma intelectual.

A moral aqui passa a ser entendida como uma estrutura universal de harmonia entre o cosmos interior e exterior, ultrapassando o âmbito do julgamento e do parâmetro emocional de “certo” e “errado”. A questão da fidelidade adquire mais uma vez um significado distinto, deixando de ser um drama interpessoal ou mesmo psicológico e pessoal.

A compreensão de dois eixos horizontal e vertical não mais se ligam ao mundo e ao interior da pessoa, mas à forma e à essência, existência e espiritualidade. Alegoricamente, os personagens representam, além de forças emocionais de naturezas distintas, destinos simultâneos, opostos mas não concorrentes. A dupla fidelidade passa a se referir à virtude de servir, que implica a um só tempo o ceder e o empreender. A união dos amantes representa

a busca da justa forma (casamento) para receber a Graça. Não por acaso, Tristão não pode consumir sua relação com a Isolda das Brancas Mãos, pois sua alma sensorial não está alinhada com sua alma emocional e sua alma intelectual. Não há serviço possível sem que o servidor reconheça toda a pertinência do servido.

A fidelidade, impossível no nível existencial como colocamos, se torna um exercício de recordação. Se não há a presença de um eco de união (Tristão a serviço do Rei ou de Isolda), um registro *do que deveria ser*, não há a possibilidade de ser fiel. O servido se faz sentir na ausência e, por isso, há o dever de ser-lhe fiel. A fidelidade, pois, se trata do reconhecimento de uma separação do que originariamente deve estar unido. Em nós, qual é a condição originária a qual devemos ser fiéis? Como sentimos os ecos de uma integração da qual fomos destituídos?

O vício aqui não mais se trata do servir a uma satisfação sensorial e tampouco emocional. O vício do infiel seria simplesmente não prover sua essência da forma justa pela qual possa vir a ser existencialmente. Tristão e sua amada terminam separados pois o Rei e Isolda das Brancas Mãos não conseguem ser fiéis ao que os transcende, tomando atitudes que servem a seus interesses pessoais, não reconhecendo a universalidade do Amor desenvolvido entre os dois após o fim do efeito mágico da poção.

O fiel transcende a fidelidade ao que é “certo”, e alcança a fidelidade ao que deve “ser”, exigindo a recordação daquilo que não está presente de imediato para que o guie entre as contradições da emoção e as volições do corpo. Como Jesus coloca, “a César o que é de César, a Deus o que é de Deus”.

**Quarta Interpretação:** anagógica, desveladora do sentido em si próprio, escapa a qualquer representação, diz respeito ao fenômeno tal como dispositivo de desvelamento do ser.

**Nível de realidade:** espiritual/unitivo, atividade da alma espiritual.

A interpretação anagógica não é propriamente uma interpretação, dado que toda interpretação causa necessariamente um velamento, uma maneira de ver, um modo de aproximarmo-nos da experiência. Mesmo assim, pode tratar do movimento contido do mito como algo que, experimentado, pode desvelar um sentido vibrante, como uma forte ressonância que escapa à compreensão conceitual.

Se vivermos através do mito (lido, contado ou transformado em música) as contradições, as angústias e elevações do espírito nele contidos, se vivificarmos em nós mesmos, mesmo que contemplativamente, mas com sinceridade, os sentidos do mito, seu ritual por assim dizer, poderemos talvez reconhecer o segredo que guarda: o mistério da união divina da alma humana, da separação de sua condição originária à integração cósmica interior e exterior. A anagogia transparece na narrativa está presente na magia da poção, na tardia redenção do Rei e de Isolda das Brancas Mãos sobre a universalidade do Amor que testemunharam entre Tristão e Isolda a Loura, nos incidentes não planejados que marcam a liberação dos amantes.

Se na interpretação moral vimos que a fidelidade pode tratar de uma articulação virtuosa que leva a uma harmonia entre forma e essência, aqui devemos reconhecer que a vida é unificação.

Não há qualquer forma permanente, mesmo que a essência seja perene. A fidelidade à forma pela forma, no sentido de preservá-la constante como algo que apenas representa a essência, causa a morte. A fidelidade à essência, no sentido de contemplá-la puramente não pode ser desprovida de forma. Com isso, ser fiel aqui nos obriga a adotar formas distintas ou mesmo contraditórias para realizar a união cósmica entre interior e exterior. Ser fiel adquire um sentido espiritual, o serviço a uma alteridade se converte a um serviço a uma Ordem Cósmica. Forma e essência ressoam um no outro, como na poesia de Rumi, nas Parábolas de Jesus, nos hexagramas do I Ching. Para a consciência integrada, não há outro comportamento possível senão a fidelidade.